



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Trindade, uma iniciativa de Turismo de Base Comunitária*

Arminda Campos**

Instituto Virtual de Turismo

Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social COPPE-UFRJ

Ivan Bursztyn***

Instituto Virtual de Turismo

Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social COPPE-UFRJ

Maurício Delamaro****

UNESP

Robson Pereira de Lima*****

Instituto Virtual de Turismo

Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social COPPE-UFRJ

Resumo:

Este trabalho apresenta a configuração de sítio simbólico de pertencimento, conceito desenvolvido pelo autor Hassan Zaoual, a partir do estudo das atividades turísticas desenvolvidas no distrito de Trindade, do município de Paraty, Brasil. Para tanto, em primeiro lugar, caracteriza-se conceitualmente sítio simbólico de pertencimento a partir da abordagem de temas dissonantes das propostas tradicionais de desenvolvimento, em que é privilegiado o aspecto econômico-mercantil, que serão abordadas num segundo momento. Dentre estes temas pode-se destacar as diferentes formas de relação humana sustentadas por condutas de empreendedorismo, de diálogo, de cooperação etc. Além destas, serão tratados em seguida os aspectos culturais, políticos, sociais, ambientais e institucionais notáveis no destino turístico e representados por indicadores que visam retratar a sustentabilidade. Por fim, o trabalho visa mostrar o potencial de sustentabilidade do sítio simbólico de pertencimento a partir da coleta e processamento de informações geradas pelos atores e agentes sociais de trindade.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária; Desenvolvimento Situado; Sítio Simbólico de Pertencimento

* Trabalho apresentado GT - Interfaces com a Gestão de Negócios do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Esta pesquisa foi desenvolvida com o apoio financeiro do CNPq e da FAPERJ.

** DSc em Engenharia de Produção pela COPPE-UFRJ. É pesquisadora vinculada ao Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social da COPPE-UFRJ e bolsista da FAPERJ no projeto do Instituto Virtual de Turismo. E-mail: arminda@pep.ufrj.br

*** Doutorando em Engenharia de Produção pela COPPE-UFRJ. É pesquisador vinculada ao Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social da COPPE-UFRJ e bolsista da FAPERJ no projeto do Instituto Virtual de Turismo. E-mail: ivan@pep.ufrj.br

**** DSc em Engenharia de Produção pela COPPE-UFRJ. É pesquisador vinculada ao Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social da COPPE-UFRJ e docente do curso de graduação em Engenharia de Produção da UNESP, campus Guaratinguetá. E-mail: delamaro@feg.unesp.br

***** Doutorando em Engenharia de Produção pela COPPE-UFRJ. É pesquisador vinculada ao Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social da COPPE-UFRJ e bolsista da FAPERJ no projeto do Instituto Virtual de Turismo. E-mail: robson@pep.ufrj.br



Introdução – A insuficiência do sistema econômico vigente

Esta abordagem sobre a atividade de turismo está baseada nos princípios teóricos de Hassan Zaoual, pensador marroquino, professor de Economia e diretor do *Groupe de Recherche sur les Économies Locales-GREL*, sobre o sistema econômico vigente, que sugere a necessidade de uma postura crítica daqueles que reconhecem a fragilidade dos postulados da economia capitalista clássica e vislumbram cenários diversos de relações sócio-econômicas. Além deste, outros autores são referidos para enriquecer as reflexões sobre o tema em questão.

Um ponto fundamental das críticas do autor consiste em mostrar que a abordagem econômica de mercado é freqüentemente contrariada, fundamentalmente por ignorar a variedade de contextos de condições de vida que constituem a existência de “sítios simbólicos de pertencimento”. Para o homem não se perenizar como vítima de uma economia de mercado agressiva e violenta, Zaoual adverte:

“Para evitar isso, precisamos de uma nova teoria geral e de uma abordagem flexível capaz de intervir em várias escalas e valores ao mesmo tempo. Desse ponto de vista, o conceito de sítio é flexível, podendo se adequar a múltiplas entidades espaciais e organizacionais, tais como: aldeia, tribo, comunidade multicultural, empresa, organização de qualquer tipo, profissão, ofício, cidade, bairro, região, nação etc. O essencial é que se trata de algo que reúna homens, em alguma escala, em torno de um sentido e de um sistema de crenças que os motivam e coordenam. O sítio varia em função do posto de observação e da representação implicada dos atores. É o que o torna intangível, logo, difícil de ser definido de uma vez por todas. A multiplicidade é onipresente no mundo dos sítios.” (ZAOUAL, 2006, p. 70)

Assim como a perspectiva de mercado mostra-se insuficiente para representar os diferentes modos de intercâmbio existentes na sociedade humana, a abordagem econômica clássica demonstra sua inconsistência ao tentar estabelecer padrões teóricos universalizantes.

Os conceitos reducionistas da economia acarretam o desprezo pela complexidade de relações notável nos contextos de vida real. Este fato tem implicado no fracasso de muitas propostas de desenvolvimento elaboradas por especialistas em macroeconomia que se recusam perceber as peculiaridades das diversas formas de organização da sociedade.



Por outro lado, a abordagem dos “sítios simbólicos de pertencimento” permite o reconhecimento de crenças, mitos, valores e experiências vividas como fatores de grande importância para a compreensão da vida humana. Tal fato permite-nos afirmar que o sítio não se submete ao mercado, que atende substancialmente ao ideário dos economistas. Sendo assim:

“Os sítios amenizam os efeitos e o modo de funcionamento do mercado; assim, as leis econômicas se tornam *construções sociais* e escapam ao modelo único. Com isso, está caducando a idéia de um *mercado-mundo* governado por leis universais. Com a mundialização, um mosaico de sítios sobrevive, evolui e se estende como se fosse para lutar contra a entropia do sistema econômico dominante.” (ZAOUAL, 2006: p.: 36)

As relações comunitárias de pertencimento

Esta abordagem explora os elementos da teoria dos sítios simbólicos de pertencimento de ZAOUAL (2006) e os princípios da dádiva de GODBOUT (1999) como forma de sustentação das críticas ao caráter reducionista dos postulados econômicos que ignoram a riqueza dos contextos de vida comunitária.

A dádiva pode estar presente em qualquer contexto de relações humanas. Nas palavras do autor: “A dádiva serve, antes de mais nada, para estabelecer relações.” (GODBOUT, 1999, p. 16) Por isso, torna-se imprescindível o reconhecimento desse sentimento e/ou dessa conduta como uma potencial mediadora de relações entre pessoas.

Dessa forma podemos compreender que as relações comunitárias, daqueles que se reconhecem pertencentes a um determinado sítio, são ricas em valores cognitivos sustentados ao longo da história de cada pessoa humana. E, para analisarmos os mecanismos dessas relações situadas, de forma mais pragmática, devemos observar que:

“Para esquematizar o funcionamento dos sítios, digamos que a crença motiva, a norma, organiza e o comportamento executa. Os aspectos fundamentais de um sítio são suas crenças e as decorrentes normas morais e sociais. Tudo isso se baseia no senso comum, em geral, implícito no sítio. Em realidade, as coisas são de natureza mais sutil. A complexidade das interações proíbe todo determinismo.” (ZAOUAL, 2006, p. 48)

Os contextos comunitários ou situados sustentam uma riqueza de relações sociais que são irreduzíveis às de interesse econômico ou de poder. E, essa riqueza é constituída



substancialmente de dádivas, não apenas como trocas de bens e serviços mas, principalmente, de palavras, frases e discursos. Dessa forma, o diálogo se sustenta como um dos pilares da vida social. (GODBOUT, 1999)

De certo, alguns autores ousariam dizer então que existe um mercado onde as relações de troca seriam constituídas também de dádivas. Por outro lado, outros afirmariam que a prática da dádiva é um exercício exclusivo de contextos que poderíamos classificar como espaços de gratuidade.

Entretanto, podemos afirmar que em qualquer contexto de relação humana pode-se verificar o exercício dos princípios da dádiva, seja no âmbito das instituições privadas mercantis, seja na esfera das atividades estatais. Ou seja, o “espírito da dádiva” reconhece seus limites além das delimitações institucionais e, portanto, aproxima-se do conceito dos sítios simbólicos de pertencimento pela sua permeabilidade à cultura, às crenças e à história de cada pessoa humana.

A convergência dos aspectos de sustentabilidade com a perspectiva dos sítios simbólicos de pertencimento

A teoria dos sítios simbólicos de pertencimento tende a convergir com a origem conceitual de sustentabilidade na medida que ambas expressam críticas a um modelo de desenvolvimento hegemônico, como apontamos no início deste trabalho. Tais críticas consistem no estabelecimento de uma outra fundamentação político-filosófica em atendimento a um imperativo ético em detrimento do domínio da técnica.

Portanto, nas próximas linhas abordaremos o trabalho de SAVIOLO *et al.* (2005) que aponta como necessidade para um desenvolvimento sustentável a atuação de pessoas e comunidades como atores sociais situados, situacionalmente afetados, num projeto social e político que visem à novas institucionalidades e ao questionamento de modelos exógenos de cunho tecnocrático-cientificista.

Nessa perspectiva não podemos perder de mente as formulações primárias de sustentabilidade que tinham os limites biológicos como referência de abordagem e que hoje apresentam um



horizonte de interação interdisciplinar entre Homem e natureza, ampliando a complexidade de tratamento de tal conceito.

A conduta do *homo situs*, condicionante da sustentabilidade, deve ser fundamentada na ética oriunda de relações dialógicas. Nestas devemos reconhecer o diálogo genuíno como um exercício de reciprocidade assimétrica entre pessoas diversas e desiguais, dotadas de diversos e desiguais poderes que interferem na condição de uma outra pessoa. Esta abordagem de SAVIOLO *et al.* (2005) trata a questão dialogal a partir da obra do pensador Martin Buber que distingue as relações do tipo EU-TU das do tipo EU-ISSO e afirma a necessidade do exercício de ambas para tornar a vida humana viável.

Devemos reconhecer que o exercício da ética dá-se no encontro de dois entes, nos espaço e momento em que a conduta humana de responsabilidade faz-se necessária como condição de realização do diálogo. E, nesse exercício de caráter vivencial deve-se estar atentos aos limites estabelecidos não através de prescrições impositivas mas, sim, por meio do acatamento da vulnerabilidade e da alteridade do outro.

As relações humanas que constituem um fluxo dialógico, condicionam a formação de um tecido social que podemos denominar como comunidade, que “pode acontecer sob os signos da terra (‘aldeia’), do trabalho (‘obra comum’), da ajuda (‘educação’), do espírito (‘fraternidade’), e da fusão e articulação de maneiras diversas desses princípios de ligação” (SAVIOLO *et al.*, 2005).

A idéia de comunidade que sustentamos não se encontra restringida ao campo das afinidades sentimentais nem tampouco às fronteiras espaciais e geográficas e, sim, a um conjunto de relações vinculantes que proporcionam à comunidade se posicionar, responsavelmente, perante cada nova situação com proposições factíveis para o contexto em questão, sem ignorar sua perspectiva idealista.

Podemos então afirmar que a sustentabilidade de iniciativas turísticas de base comunitária requer a atuação dos diferentes atores interessados na potencialização ou na retomada do exercício de responsabilidade e do diálogo. Ou nas palavras da autora:

“Em síntese, desde uma perspectiva buberiana, cada comunidade deverá responder que turismo quer ter, que passos deverão ser dados para desenvolvê-lo, que



concessões estará disposta a fazer, quais são os elementos inegociáveis de seu patrimônio relacional. Isso implica a necessidade de garantir, no interior da comunidade, a pluralidade possível de idéias, o contraditório e o controverso. E implica também aceitar que são elementos constitutivos do *princípio dialógico* a incerteza e o risco.” (ZAOUAL, 2006, p. 48)

O caso de Trindade

Os conceitos apresentados até aqui permitem-nos analisar as atividades turísticas da Vila de Trindade, distrito da cidade de Paraty, como um caso que embora apresente vários aspectos de solidariedade, cooperação e coletivismo, desperta-nos também preocupação com respeito a vulnerabilidade das atividades tradicionais, do meio ambiente e do contexto político-institucional.

Devemos também reconhecer que esta Vila apresenta na sua história elementos de resistência à lógica de desenvolvimento adotada pela indústria do turismo que privilegia os estilos de gestão pautados pela racionalidade econômica e apoiados em técnicas que relegam a importância da atuação dos atores sociais daquela localidade.

Antes de tratarmos de tais atividades, convém falarmos um pouco da história contemporânea desse povoado caiçara que nas décadas de 40 e 50, do século passado, era constituído por um grupamento desordenado de casas distantes umas das outras e protegidas da ação do vento pela vegetação da orla das praias. As propriedades, embora privadas, não eram delimitadas por cercas ou muros permitindo assim o acesso de todas pessoas ao espaço caiçara. A praia era o centro dinâmico da vida comunitária e a ponte de ligação com o mundo exterior. Dentre os caiçaras podia-se notar o exercício da solidariedade como importante fator de equilíbrio social, sem a interveniência de nenhuma organização ou instituição. Embora a atividade agrícola fosse essencialmente individual e familiar, as trocas e empréstimos de produtos não se davam num mercado monetarizado; a prestação de serviços e outras atividades laborais podiam ocorrer sob a forma de mutirão. Todo este dinamismo proporcionava uma distribuição mais ou menos equitativa dos produtos das culturas tradicionais. (CNPq, 2006)

Um período de extremo significado para a comunidade da Vila de Trindade foi o começo da década de 70, em pleno domínio do regime militar, em que sob a ameaça de serem expulsos de suas terras por uma associação de empresários para o estabelecimento de empreendimentos imobiliários, resistiram e foram apoiados por alguns dos visitantes mais fiéis que viabilizaram



assistência jurídica e ajudaram a divulgar o problema para a sociedade. (CNPq, 2006, pp. 15-16)

O sentido de pertencimento ressaltado nesse contexto proporcionou o domínio das iniciativas turísticas de Trindade pelos nativos; por outro lado, a chegada da energia elétrica e a pavimentação da via de acesso ao local, no início dos anos 90, ampliou em grande escala a atividade de turismo, tornando esta a principal fonte de renda da população da vila em detrimento de outras atividades tradicionais como a pesca e o artesanato.

Esse movimento de crescimento intenso do turismo colocou em xeque a capacidade de gestão e articulação dos agentes locais para garantir a sustentabilidade dos empreendimentos e evidenciou a importância dos canais de diálogo entre sociedade civil e Estado, já que as ações de planejamento da Prefeitura de Paraty na área de turismo ignoraram as expectativas e demandas da população de Trindade.

Entretanto, o histórico cognitivo dessa comunidade tem condicionado algumas melhorias nas suas condições de vida. Como apontado em pesquisa realizada em 2004, os moradores já providenciaram a contratação de profissionais da área de saúde para atuarem nos períodos de grande fluxo de turistas e organizam mutirões para coleta de lixo nos momentos de número excessivo de visitantes. (OLIVEIRA, 2004)

A abordagem da dimensão social considerada no estudo sobre sustentabilidade de iniciativas turísticas de base comunitária realizado pelo Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social-LTDS da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ em parceria com o Departamento de Produção da Universidade Estadual Paulista-UNESP (Campus de Guaratinguetá) e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, apresenta algumas questões sobre o posicionamento da comunidade da Vila de Trindade perante os desafios oriundos das atividades do turismo estabelecidas naquela localidade.

Neste trabalho, através de entrevistas com diferentes atores sociais, foi possível reconhecer mais uma vez a importância da resistência à campanha das empresas para expulsão dos caixaras de suas terras que, até os dias de hoje, fundamenta a constituição de organizações como a Associação de Moradores Nativos e Originários de Trindade que somente aceita



nativos como integrantes; fato este que tem sido alvo de reflexões e negociações com os moradores não-nativos que já vivem lá há mais de uma década. (CNPq, 2006, p. 24)

Conforme apontado nesta pesquisa, o ímpeto de resistência dessa população é fundamentado também pelos princípios de sustentabilidade que ela reconhece ser necessária para um contexto de vida futuro:

“Os empreendedores não nativo, em particular, são vistos com desconfiança. A imagem usada por alguns entrevistados é a de que, sem raízes, tais atores podem visar o lucro rápido sem preocupações maiores com a sustentabilidade de longo prazo: ‘se aqui não está mais dando dinheiro, vendo e vou investir em outro lugar’.” (CNPq, 2006, p. 24)

Alguns elementos de um cenário vulnerável

Neste item destacamos alguns elementos das iniciativas turísticas de Trindade que potencializam os cenários de sustentabilidade a partir do reconhecimento da comunidade local como um agente ativo e interessado no desenvolvimento social situado, ou seja, através dos aspectos de pertencimento e enraizamento tratados por ZAOUAL (2006). Por outro lado, procuramos ressaltar a fragilidade do contexto de vida dessa população resultante, em boa medida, do crescimento do turismo na região.

Observamos que o nosso olhar sobre a atividade turística promovida pelos moradores da vila reconhece que “as características do *homo situs* dão à pessoa uma natureza fortemente híbrida na qual a astúcia, a estratégia, o desvio parcial ou total das normas estão presentes”. (ZAOUAL, 2006, p.: 53) E, dessa forma, devemos estar atentos a complexidade e a vulnerabilidade em que os processos de tomada de decisão estão sujeitos.

Na perspectiva da geração de trabalho e renda podemos apontar o predomínio dos empreendimentos administrados pelos nativos e residentes como um elemento que garante à comunidade a gestão dos recursos financeiros oriundos dos visitantes e da ocupação dos postos de trabalho com o emprego da mão de obra local que, nos momentos de pico de visita, é complementada com trabalhadores de outras localidades da região. (CNPq, 2006)

Embora a renda auferida por esta população venha proporcionando um bom nível de consumo de bens e serviços, está apoiada em bases frágeis já que as outras atividades tradicionais que



poderiam proporcionar um complemento de renda das pessoas foram, quase na sua totalidade, abandonadas, desprezando assim um potencial de geração de renda, principalmente, na baixa temporada de turismo.

Um outro aspecto a ser observado no sistema econômico vigente na Vila de Trindade, e que inspira cuidado, é a subordinação dos empreendimentos à lógica mercantil que pode estar fragilizando os espaços de intercâmbio de outra natureza e como o autor marroquino aponta:

“A exagerada importância atribuída ao princípio da concorrência acaba limitando seu alcance geral. Correlativamente, o mercado não pode ser o único mecanismo de coordenação entre os homens. O dinamismo de uma economia e, também, o de uma sociedade – se fosse possível isolar a primeira da segunda – pressupõem a intervenção de outras modalidades de trocas, como a cooperação, cujas opções podem ser muito variadas.” (ZAOUAL, 2006, p. 84)

No que diz respeito à educação escolar dessa localidade, podemos apontar que, embora tenha um histórico de carências e dificuldades, a articulação e a coesão dos membros da comunidade tem proporcionado a implementação de iniciativas para complementar o processo educacional como, por exemplo, a organização do transporte escolar para a sede do município para que os alunos ampliem as séries cursadas e concluam os ciclos de aprendizagem. Além desta, a alfabetização de adultos também tem sido promovida como iniciativa de uma moradora. (CNPq, 2006)

O contexto sócio-econômico da vila evidencia o predomínio das atividades turísticas em detrimento das atividades tradicionais; entretanto, hoje, podemos verificar uma retomada da atividade pesqueira com algumas pessoas fazendo uso de cercos e de barcos motorizados. Este fato aponta mais uma vez o potencial de inovação ou renovação de atividades que são identitárias daquele sítio.

Alguns eventos são divulgados e promovidos na região como forma de sustentar as manifestações culturais e a auto-estima da população local: Folia de Reis – evento religioso católico -, Encantada Trindade – evento religioso protestante –, e Trindade em Festa – evento comemorativo pela vitória pela posse da terra. Essa está sendo também uma alternativa adotada para manter um fluxo regular de turistas nos períodos de baixa temporada. (CNPq, 2006)



No que diz respeito à dimensão ambiental, como um condicionante da sustentabilidade das atividades turísticas de Trindade, podemos apontar como aspecto positivo o não reconhecimento por parte da comunidade de impacto significativo sobre o comportamento da fauna por iluminação artificial ou por excesso de ruído. Além disso, não são observados cativeiro ou alimentação artificial de animais silvestres e o uso predatório de espécies nativas da flora e da fauna. Essas informações tornam-se ainda mais significativas pelo fato da Área de Proteção Ambiental – APA- do Cairuçu, em que Trindade está inserida, conter espécies raras e ameaçadas de extinção (Macaco Muriqui ou Mono Carvoeiro - *Brachyteles arachnoides* -, Macuco - *Tinamus solitarius* -, Jacutinga - *Pipile jacutinga* -, Gavião Pegamacaco - *Spizaetus tyrannus* -, Veado Mateiro - *Mazama americana* -, Veado Catingueiro - *Mazama gouazoubira*), e algumas espécies endêmicas. (CNPq, 2006)

Ainda com respeito às questões do meio ambiente, há pouca influência externa para um processo de educação ambiental da população local. Esta, detentora de uma racionalidade situada, termo empregado por ZAOUAL (2006) para referir-se à dinâmica de vida do sítio simbólico de pertencimento, tem proporcionado aos seus membros o enriquecimento do conhecimento sobre tais questões.

Conclusões

A partir da perspectiva dos sítios simbólicos de pertencimento podemos afirmar que o nível de vulnerabilidade social, política, econômica, ambiental e institucional da Vila de Trindade é decorrente do predomínio das atividades turísticas em detrimento de hábitos e atividades tradicionais. Ou, conforme apontado pelo autor: “Como todo organismo vivo, uma economia hiperespecializada sem criatividade endógena enfraquece a capacidade de adaptação à mudança e às incertezas”. (ZOUAL, 2006, p. 57)

Embora, por um lado, ainda prevaleça nessa comunidade um espírito de resistência à entrada de novos personagens na dinâmica social da vila, por outro, verificamos alguns aspectos da indústria do turismo de massa presentes nas atividades empreendidas naquela região, ou seja, a importação (mesmo que não intencionada) de princípios que contrariam os fundamentos de sustentabilidade do turismo de base comunitária naquela região.



Para fundamentar essa nossa observação recorreremos mais uma vez às palavras do autor marroquino, através das quais podemos notar sua preocupação com a importação de conhecimento por um determinado sítio de pertencimento:

“A experiência mostra que toda tecnologia comprada sem discernimento induz uma série de mercados cativos (estudos, treinamento, equipamentos, máquinas e insumos) que mantém o meio receptor dentro de uma lógica cumulativa de importação. Na ausência de um esforço de inovação, os empréstimos criam dependência [...] Tal mecanismo inibe as capacidades de regeneração dos meios locais, o que impede sua própria experiência de aprendizagem. Assim, tudo acontece como se as transferências de conhecimento, materializados ou não, entretivessem a ignorância, por meio de mimetismo.” (ZAOUAL, 2006: pp.: 57-58)

Resumidamente, podemos apontar como um dos aspectos que nos despertou atenção no contexto de vida daquela comunidade é a existência de um histórico rico de aspectos culturais, comunitários e políticos que potencializam iniciativas no campo do turismo e que podem manter uma relação harmônica e equilibrada entre as diferentes dimensões da sustentabilidade (ambiental, espacial/territorial, social, econômica, histórica e cultural, e política e institucional) desses empreendimentos.

Entretanto, faz-se necessária a devida atenção aos aspectos teóricos e conceituais sugeridos nesse trabalho. Ou seja, os membros comunitários de Trindade devem estar aptos a criticarem os preceitos do mercado capitalista de consumo de mercadorias e serviços e a vislumbrarem alternativas de ação fundadas numa racionalidade endógena e enraizadas nas suas experiências de vida.

Referências bibliográficas

CNPq; 2006. Relatório técnico-científico - Análise de iniciativas turísticas com base comunitária: os casos de Trindade (Paraty-RJ) e Conceição de Ibitipoca (Lima Duarte-MG). Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ.

GODBOUT, J. T.; 1999. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.

OLIVEIRA, A. C.; 2004. Turismo e população dos destinos turísticos: Um estudo de caso do desenvolvimento e planejamento turístico na Vila de Trindade – Paraty/RJ. In Caderno Virtual de Turismo, Vol. 4, Nº 1. Disponível em www.ivt-rj.net/caderno.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

SAVIOLO, S.; DELAMARO, M. C.; BARTHOLO, R.; 2005. Sustentabilidade, turismo, diálogo. In Turismo e sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond.

ZAOUAL, H.; 2006. Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global. Rio de Janeiro: DP&A editora.